

***Are you married
teacher?
Estratégias
enunciativas sobre
como tirar do
armário***

*Are you married teacher?
Enunciative strategies on
how to bring someone out of
the closet*

Raulino Batista FIGUEIREDO NETO (UFBA)
raulnetto1@yahoo.com.br

FIGUEIREDO NETO, Raulino Batista.
Are you married teacher? Estratégias
enunciativas sobre como tirar do
armário. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.
6, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2016.

Resumo: No presente artigo pretendemos analisar o comportamento verbal e ideológico de aprendizes/usuários de Língua Inglesa no tocante às identidades sexuais da sala de aula. Por intermédio de uma mirada autoetnográfica, procedimento voltado para os registros enunciativos na língua-alvo, discorreremos adicionalmente em torno do componente intercultural no processo de reconhecimento e respeito às diferenças da sala de aula. Para a constituição deste trabalho, baseamo-nos nas teorias de gênero e performatividade (BUTLER, 2007), nas Teorias *queer* (NELSON, 2008; NEPOMUCENO, 2009), nas considerações acerca das identidades da pós-modernidade (MOITA LOPES, 2002; HALL, 2005) e no engajamento intercultural (FLEURI, 2001; FIGUEIREDO NETO, 2014). Os resultados dessa incursão investigativa apontam para a premência de uma agenda pedagógica que empodere as sexualidades *queer* e promova, pelo viés da linguagem, o respeito a todas as cambiâncias da sala de aula de línguas.

Palavras-chave: Língua Inglesa.
Sexualidades. Intercultural.

Abstract: In the present article we intend to examine both verbal and ideological behavior of learners/users of English language with regard to the sexual identities in the language classroom. Through an autoethnographic perspective, procedure based on enunciative notes in the target-language, we will additionally deal with the intercultural constituent in the recognition of, and respect for differences in the classroom. For the accomplishment of this work we based ourselves on the gender theories and performativity (BUTLER, 2007), the queer theories (NELSON, 2006; NEPOMUCENO, 2009), the considerations about identity and post-modernity (MOITA LOPES, 2002; HALL, 2005) as well as on the intercultural engagement (FLEURI, 2001; FIGUEIREDO NETO, 2014). The research findings point to the urgency of a pedagogical agenda which manage to empower the queer sexualities and promote, through a linguistic perspective, the respect to all queernesses in the language classroom.

Keywords: English language. Sexualities. Intercultural.

Introdução

Transitar na seara do ensino de Línguas Estrangeiras tem implicado, sobretudo no contexto globalizante das salas de aula, em um verdadeiro desafio frente aos questionamentos relacionados às identidades e outridades do mundo pós-moderno. Nunca antes a questão da identidade e, conseqüentemente, da alteridade estiveram tão evidenciadas. Em outras palavras, é possível afirmar que a sua emergência está inscrita numa mudança paradigmática que põe em xeque a fixidez e a unicidade do indivíduo. Tal ruptura é descrita por Hall (2005) como um franco processo transformativo que desloca as estruturas tomadas como centrais e imutáveis. Segundo o autor, esse processo “[...] está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2005, p. 07).

Assim, no atual cenário de liquefação pós-moderna¹ no qual nos situamos, lócus em que se assume o Outro como subjetividade de fronteiras porosas, torna-se fundamental a assunção desse sujeito não mais como uma identidade de contornos estáveis nos moldes cartesiano-iluministas, mas, ao invés disso, como uma *(des)identidade*, isto é, um movimento que contraria as determinações metafísicas relacionadas a questões tão variadas quanto os aspectos de gênero e etnia. Tal perspectiva coaduna com aquilo a que Butler (2007) vem a chamar de “condição cultural permeável”² (BUTLER, 2007, p.02), expressão síntese para a atual configuração das sociedades contemporâneas.

1 Termo tomado de Bauman (2001)

2 *Pervasive cultural condition*, no original.

Curiosamente, é dentro dessa ótica de deslocamento das individualidades que percebemos, no contexto da sala de aula de língua estrangeira, uma tentativa de deslindar o Outro a partir de um movimento acionado pelo desejo de conhecê-lo, de saber a sua história e de decifrar aquilo que revelam o seu corpo e os seus dizeres. Isto posto, a sala de aula de língua estrangeira, cenário de contato com a língua do Outro, passa a potencializar essa descoberta em relação à alteridade e a atribuir-lhe uma identidade que se pauta e que se ancora, ainda, em padrões e estereotípias comportamentais que variam da sexualidade ao vestir. Há, desse modo, alojado no microcosmo da sala de aula, não apenas a necessidade de diminuir a fluidez das identidades dando-lhes contornos mais estáveis, mas a de situar/definir quem são essas corporeidades no que compete à esfera da sexualidade.

É possível compreendermos que a referida necessidade de descobrir o Outro está relacionada, fundamentalmente, à admissão de nossa própria hibridez, ao nosso trânsito ininterrupto e aos devires de nossa subjetividade. Nesse sentido, não basta ser professor de Língua Estrangeira, é preciso pessoalizar/humanizar a entidade que se pensa e que se faz neutralizar diante do torvelinho das subjetividades da sala de aula. Para ilustrar essa consideração, nos alinhamos àquilo que pontua Eckert- Hoff (2008) para quem:

Por mais que o sujeito tente camuflar e fixar uma identidade de professor, depara-se com a alteridade-estranheza que o constitui e denuncia desejos, frustrações, devaneios, sabores e dissabores, verdadeiras confissões, que revelam a multiplicidade de identificações que formam a identidade do eu, sempre híbrida, complexa, heterogênea, perdendo-se na metamorfose camaleônica da subjetividade. (ECKERT-HOFF, 2008, p. 31)

Isto dito, ser professor ou professora de uma língua X torna-se apenas o mote, o ponto de partida para a definição da sexualidade do Outro, daquele que não se revela pelos *maneirismos corpóreos*³ tão “definidores” da sexualidade alheia. Ser *gay*, nesse sentido, está intimamente vinculado ao binarismo clichê da bicha louca ou do sapatão. Diante dessa asserção, a pergunta “Será que ele/ela é?” parece ser o fio condutor para a descoberta do professor não mais como o detentor de uma sexualidade desmarcada, mas como uma espécie de *corporeidade auto-silenciada*⁴.

3 O termo em questão refere-se à estereotípiia relacionada à movimentação/encenação corpórea das identidades tomadas como *queer*.

4 Em oposição ao termo anterior, a ideia de corporeidade *auto-silenciada* refere-se

Por esta perspectiva, quando aprendizes de língua inglesa (LI, daqui por diante) se encontram com subjetividades não imediatamente vinculadas à heteronormatividade, quando se deparam com o corpo *queer*, são estabelecidas estratégias enunciativas para definir a sexualidade desse corpo *dissidente*, ou que é tomado como tal. Assim, coadunando com o desejo de estabelecer asserções sobre o Outro, Nelson (2008) pontua que “[...] “A comunicação, particularmente a comunicação intercultural, envolve um processo contínuo de fazer e ajustar inferências [...]”. (NELSON, 2008, p. 224). Tais inferências, por fazerem parte do jogo relacional entre culturalidades distintas, acabam por estabelecer um profícuo diálogo com a interculturalidade e o seu traçado de ações rumo à compreensão dos “modos de ser e de dizer do Outro” (FIGUEIREDO NETO, 2014, p. 18).

Destarte, o propósito deste trabalho é o de trazer a lume as questões atinentes ao comportamento verbal de aprendizes de LI, no que diz respeito às identidades sexuais presentes na sala de aula de língua, aí destacando-se a figura do professor. Em igual medida, torna-se possível ainda, por intermédio do comportamento verbal dos referidos aprendizes, uma análise em torno das ideias e ideologias que atravessam as enunciações em sala de aula. Além disso, ainda objetivamos o estabelecimento de uma discussão pautada na perspectiva intercultural como promotora dos modos de ser do Outro, aí incluindo-se a identidade *gay*.

To be or not to be? Autoetnografando a identidade sexual na sala de aula de LI

Tomando a sala de aula de LI como arena para a constituição de embates e congraçamentos *interlinguoculturais*, torna-se inevitável a instauração de uma perspectiva que tome as identidades como elementos deflagradores da prática dialógica e, sobretudo, das estratégias verbais sobre como enunciar/anunciar uma gama de diferenças (sociais, étnicas, culturais e **sexuais**). Nesse sentido, a sala de aula de língua estrangeira converte-se como o espaço privilegiado para a constituição de investigações acerca dos fenômenos enunciativos que carregam, entre

à assunção dos alunos de que a ausência dos maneirismos corpóreos, normalmente esperados no corpo *queer*, são decorrentes de uma espécie de auto-silenciamento, uma espécie de segredo escamoteado por um comportamento que mimetiza a heteronormatividade.

outros elementos, a apreciação do diverso, a assunção do *dissidente*⁵ .

Isto dito, torna-se fulcral, para a compreensão desse comportamento verbal, a adoção do que aqui chamarei de *dispositivo enunciativo/anunciativo*, isto é, como um gatilho que, lançando mão da pergunta chiste/clichê “Será que ele é?”, estabelece o ponto de partida para a “descoberta” do Outro. É, pois, por esse viés que a referida pergunta torna-se o cerne da “empreitada investigativa ⁶” engendrada pelos alunos.

Assim, tomando essas estratégias como elementos intimamente ligados à minha personalidade/subjetividade, e também à dos alunos, empreendi, ao longo dessa pesquisa, um dispositivo que me permitisse ser, ao mesmo tempo, pesquisador e objeto de uma pesquisa potencialmente autoetnográfica. Destarte, foi possível constituir uma espécie de mecanismo reverso no qual a curiosidade dos alunos em torno de minha sexualidade transformou-se, ela própria, no mote para a constituição deste trabalho e, conseqüentemente, como um deflagrador para o desenvolvimento de um olhar sensível em relação às alteridades postas em contato, isto é, de um movimento que toma o Outro como instância fundamental que reverbera, refrata e revela aquilo que somos. Em outras palavras, do ato de se ver refletido pelo olhar da alteridade, contrapartida constitutiva do Eu.

Na esteira desse posicionamento, é possível aditarmos o questionamento síntese de Moita Lopes (2008), que lança: “Como fazer uso desses novos olhares que fraturam a vida social e a enriquecem para construir novos conhecimentos e novas sociabilidades? [...]” (MOITA LOPES, 2008, p. 94). As referidas fraturas/fissuras aludidas pelo autor parecem encontrar ressonância em rupturas que permitam, entre outras coisas, um novo traçado de ações que viabilize uma compreensão dilatada das sociabilidades e subjetividades de nosso tempo.

Por esta lógica, portanto, é que instituí no presente trabalho uma autoetnografia, haja vista a inseparabilidade do *corpo professor de língua inglesa* e de seu trânsito discursivo por entre os atos de fala de aprendizes de língua (professores em formação de um curso de Letras)⁷ . Assim, o corpo professor que se aloja nesse contexto — perscrutador

5 A dissidência a que me refiro, diz respeito às expressões da sexualidade desvinculada da heteronormatividade.

6 Embora não soubessem e fizessem de modo espontâneo, o percurso inquisidor e enunciativo dos alunos converteu-se como movimento investigativo.

7 Refiro-me ao Curso de Letras/Inglês da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus XIV, no qual atuo como docente.

e perscrutado da cena de pesquisa — passa a constituir-se como sujeito-professor que “[...] se constitui e é constituído nesse lugar de complexidade [...]” (ECKERT-HOFF, 2008, p. 28). Tal complexidade, adicionada às questões ontológicas do *ser ou não ser gay* acaba por precipitar o empreendimento autoetnográfico, movimento que busca uma imersão no Eu e nas diferentes alteridades postas em contato.

Isto posto, é pelo viés de uma autorreflexão e, mais do que isso, de uma metodologia sensível às questões do Eu e do Outro, que nos alinhamos à definição basilar de Ellis e Bochner (2000) em torno da escrita e da pesquisa de si. Para os referidos autores:

A autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta múltiplos níveis de consciência, conectando o pessoal ao cultural. Indo e vindo, autoetnógrafos observam, primeiro através de lentes de longo alcance, destacando os aspectos sociais e culturais externos de sua experiência pessoal, depois eles olham para dentro, expondo um self vulnerável que move e que pode mover, refratar, e resistir às interpretações culturais. (ELLIS; BOCHNER, 2000, p. 739)⁸

A autoetnografia, portanto, alberga em sua epistemologia os elementos do sensível, isto é, dos dispositivos que, recorrendo à compreensão do *Eu*, passam a viabilizar uma compreensão do *Outro* e das relações entretecidas por diferentes subjetividades. Diferentes modos de ser e de olhar a alteridade, não apenas pelo espectro do antagonismo, mas, sobretudo, da complementaridade. Ainda em relação a essa perspectiva de perscrutação da autoetnografia, Ellis e Bochner (2000) pontuam:

[...] você passa a compreender a si mesmo de modo mais aprofundado. E com a compreensão de si vem a compreensão em torno dos outros. A autoetnografia abre um espaço para a realização de algo significativo para você e para o mundo... [...] (ELLIS; BOCHNER, 2000, p. 738)⁹

Assim, assumindo o lugar ubíquo do pesquisador e do pesquisado, tomo, na próxima seção, alguns excertos originados de minhas aulas do componente Laboratório de LI, repositório de minha autoetnografia e da consequente compreensão das estratégias de que lançam mão os estudantes, quando se encontram com a dissidência de gênero.

⁸ Tradução nossa.

⁹ Nossa tradução.

Decifra-me ou te devoro: da enunciação à anunciação da identidade gay

Curiosamente, apesar de haver no espaço da sala de aula a presença de subjetividades igualmente não-heteronormativas, é sobre a figura do professor que são endereçadas as enunciações dos alunos. Tais enunciações, acredito, são originárias de meu posicionamento desmarcado em relação à encenação verbal que tipifica a subjetividade gay, isto é, a uma menção assertiva sobre estado civil ou mesmo sobre relacionamento homoafetivo.

Em uma das aulas da disciplina Laboratório de LI, com unidade temática relacionada à família (*Family*), alguns alunos, sob pretexto de exercitarem as estruturas e expressões da LI perguntaram, entre risos: *Are you married teacher*¹⁰? Estabelecendo uma análise em torno desse primeiro excerto/gatilho enunciativo, é possível entender como vão se constituindo as estratégias enunciativas de deslindamento das identidades de gênero do Outro, daquele a quem se toma como queer, algo imediatamente associado ao que Butler (2007) vem a chamar de “metafísica da substância” (BUTLER, 2007, p.22). Assim, parte desse comportamento verbal dos alunos assenta-se, para além do desejo de conhecer o Outro, numa crença ontológica que exige a rotulação dos sujeitos como hetero ou homossexuais.

Yes, I am. A resposta para a pergunta lançada pelos aprendizes de LI, obviamente, carregava o mesmo teor desmarcado de minha sexualidade, o que sofisticava ainda mais as estratégias de enunciação dos alunos para que colhessem uma informação mais precisa. Após a resolução de algumas atividades, um de meus alunos perguntou: *What kind of girl do you like?...do you like?*¹² A aparente hesitação presente na repetição do fragmento “...do you like?” deflagra mais uma forma de negociar uma possível resposta, mais uma estratégia para tirar do armário. Como resposta para seu questionamento, eu lhe disse: *Well, I have nothing against girls, but they are not my cup of tea. I live with a man, a boyfriend, something that some people call* (escrevendo no quadro) *significant other, sweet heart, better half, domestic partner, and what have*

¹⁰ Você é casado, professor?

¹¹ Conceito emprestado de Nietzsche com o propósito de designar a tendência que temos em essencializar o ser em seu processo de identificações e determinações, entre as quais podemos mencionar a questão da formação da identidade. Nesse processo de forja identitária, podemos situar as definições ontológicas de gênero e sexualidade.

¹² De que tipo de garota você gosta?... Você gosta?

you, but the definition I like the most is LOVER¹³ the one who loves. Desse modo, para além de estabelecer uma posicionalidade sexual, eu acabei por inserir na seara do construto intercultural mais uma noção de diversidade, de uma dissensão que tem um corpo e uma voz.

De modo análogo, é possível perceber, em enunciações anteriores ao referido evento dialógico, elementos enunciativos inscritos na mesma perspectiva de *deslindamento identitário*, estratégias sempre materializadas a partir de questionamentos ou de asserções em torno da sexualidade. Todas as questões eram endereçadas na língua-alvo e, em sua maioria, por alunos com maior fluência na língua, isto é, por aqueles que poderiam, sob pretexto de exercício linguístico, estabelecer estratégias comunicativas semelhantes àquelas que utilizariam em sua língua materna. Nesse sentido, acredito, falar na língua do Outro — na língua estrangeira — convertia-se como um importante dispositivo protetivo, um escudo ante a qualquer estranhamento e/ou possível desconforto de minha parte em razão do tipo de pergunta a mim endereçada.

*What do you think about gay marriage, teacher?*¹⁴ Acredito que, ao perguntar (em inglês) o que um professor presumidamente *gay* acha do casamento com pessoas do mesmo sexo, eles estariam, em sua formação imaginária, livrando-se do ônus de uma situação possivelmente vexatória, ao mesmo tempo em que se legitimam como aprendizes-usuários de língua inglesa. Nesse sentido, portanto, a língua do Outro garantiria um relativo “anonimato” em relação às suas verdadeiras intenções enunciativas, uma espécie de blindagem ante aos possíveis desconfortos causados pelo seu comportamento verbal de exposição do Outro; a aparente exposição do professor.

Assim, a pergunta sobre o casamento *gay* buscava, por intermédio do subentendido enunciativo, a detecção de uma homossexualidade não “confessada”, mas potencialmente revelável pelo meu comportamento verbal, não só de aderência ao casamento, mas de pertencimento à condição *gay*. Há, desse modo, no bojo dessas estratégias de enunciação, uma flagrante vinculação à questão dos subentendidos da enunciação. De acordo com Fiorin (2011):

13 Bem, não tenho nada contra garotas, mas elas não são minha praia. Vivo com outro homem, um namorado, algo que algumas pessoas chamam de companheiro, querido, cara metade, cônjuge, e o que mais ocorrer, mas a definição que me apraz é AMANTE, aquele que ama.

14 O que você pensa em relação ao casamento gay, professor?

O subentendido é um meio de o falante proteger-se, porque, com ele, diz o que quer sem se comprometer. Com os subentendidos, diz-se sem dizer, sugere-se, mas não se diz. O grau de evidência de um subentendido depende do grau de notoriedade dos fatos extralinguísticos a que remetem. (FIORIN, 2011, p. 184)

*It's legitimate... as legitimate as the heterosexual one*¹⁵. A resposta que ofereci para a questão enunciada estabeleceu uma espécie de rota de fuga, já que, ao dizer da legitimidade dessa modalidade de casamento, eu não trazia para mim qualquer vinculação mais imediata ao meu status marital e, por conseguinte, à minha posicionalidade sexual. Não havia em minha resposta um *self* que se põe como exemplo e que, portanto, se deixa (re)conhecer.

A natureza aparentemente desmarcada de minha resposta, acredito, operou como um dos elementos desencadeadores das estratégias enunciativas que culminaram com a constituição de enunciações mais diretivas, isto é, enunciações que objetivam levar o sujeito alocutário¹⁶ a agir verbalmente e, no caso em questão, a revelar-se estabelecendo uma espécie de confissão da dissidência. Desse modo, é possível dizer que os alunos, em sua maquinaria enunciativa, iam rumando de elaborações mais tangenciais até chegar a formulações mais assertivas.

É possível, assim, pontuar que o processo a que chamamos de *deslindamento do Outro* se faz possível em razão do protagonismo das estratégias enunciativas de que se utilizam os estudantes de LI ao largo de seu exercício comunicativo. Por conseguinte, é *travestido* de exercício na língua-alvo que são deflagrados os discursos e a consequente co-construção do significado, elemento fundamental para a instauração das reflexões em torno da dissidência de gênero e da visibilização da condição homossexual, atributo geralmente tabuizado e, portanto, silenciado na sala de aula. No que concerne à contrapartida discursiva que alimenta os processos enunciativos, nos alinhamos ao que pontua Moita Lopes (2002), para quem:

O que é típico do discurso é a sua natureza social: uma visão do discurso como uma forma de co-participação social. Os participantes discursivos constroem o significado ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares. Isso quer dizer que alteridade e contexto são categorias básicas para compreender como o significado é elaborado na sociedade [...] (MOITA LOPES, 2002, p. 30)

15 É legítimo...tão legítimo quanto o casamento heterossexual.

16 O sujeito ao qual se dirige o enunciado.

Como resultado desse processo de co-construção sógnica, importa mencionar, como tratado anteriormente, a relação sócio-discursiva presente no contexto da sala de aula de língua estrangeira, isto é, os sujeitos do discurso — professor e alunos — e sua historicidade e culturalidade no que compete às noções de identidade e sexualidade. Desse modo, as decifrações em torno do que é e de quem porta essa sexualidade *disjuntiva* se inscrevem numa intrincada rede de negociações enunciativas entre o *Eu* e o *Outro* do discurso e de tudo aquilo que esta apoteose sógnica pode desvelar.

Cadê o armário que estava aqui? Por entre línguas e sexualidades: interculturalidade e o ensino de inglês

Os atos verbais intercambiados ao longo das aulas, a exemplo dos excertos analisados até aqui, tiveram papel precípuo para a instauração de uma atmosfera de suspeição (entre os alunos) com relação à minha identidade sexual. As dúvidas em relação à sexualidade do *Outro* e o desejo de decifrá-la parecem alinhar-se aos conceitos binários que põem as sexualidades dissidentes em uma esfera de excentricidade que reforça as fronteiras de um pensamento binário, respaldado pelas configurações do sexo biológico. Nesse sentido, espera-se do sujeito tomado como *queer* um movimento de saída, um deslocamento rumo à confissão e à definição de si. Tal comportamento pode ser melhor compreendido a partir do que pontua Nepomuceno (2009) para quem

Quando se nasce, através do sexo que se carrega no corpo, é instaurada uma determinação ou direção de nossa sexualidade e gênero. Quando se nomeia o recém nascido como menino ou menina, se instaura ali uma invocação performativa, que produz uma decisão social sobre o corpo e assim, todo um processo que o irá defini-lo como masculino ou feminino. Estas características físicas e biológicas serão marcadas pela diferença, produzindo significados culturais estruturados na performance que determina o gênero. (NEPOMUCENO, 2007, p. 139/140)

Assim, quando endereçam os seus atos verbais na língua inglesa, os alunos acabam por delinear um comportamento que pode ser interpretado como o desejo de revelar/reconhecer o *Outro* e a sua subjetividade *queer*. As estratégias enunciativas utilizadas pelos alunos de LI deflagram um movimento que, num primeiro momento, e por intermédio do exercício linguístico, rumam para a tentativa de *tirar do armário* uma subjetividade já presumidamente *gay*. Nesse sentido, o

que se observa nesse processo enunciativo é a possibilidade de trazer para a sala de aula de línguas, com todos os embates e enlaces típicos da aprendizagem linguística, um ensino crítico que ajude a pensar a diferença e a dissidência de gênero como constitutivos da pluralidade de que somos construído e como mais um dos componentes da comunicação intercultural.

Em termos pedagógicos e metodológicos, portanto, a assunção da disjunção de gênero na sala de aula de LI está potencialmente relacionada a um traçado de ações que promova, mediante a integração de culturalidades distintas, um terreno no qual as diferenças se convertam em negociações relacionais entre línguas e culturas e, por conseguinte, entre subjetividades. Tomando as identidades sexuais como performances intersubjetivas, é possível também afirmar que é, em meio ao trânsito linguocultural da sala de aula de LI, que podemos compreender, via discurso, os elementos que alimentam, abraçam ou rejeitam a dissidência de gênero consubstanciada pela identidade *gay*. Por esta ótica podemos entender os movimentos de dissidência ou conformidade, (aos padrões instituídos), como estando inescapavelmente enredados pelas subjetividades que:

[...] são formadas em contextos culturais determinados [...]. Neste sentido, a estratégia intercultural consiste antes de tudo em promover a relação entre as pessoas, enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modo muito variado, nas quais são sujeitos ativos. (FLEURI, 2001, p. 118)

Outrossim, é pelo jogo relacional entre diferentes *linguoculturalidades* que vislumbramos na comunicação intercultural a abertura de um diálogo genuíno para a diversidade. Dito isto, nos alinhamos à perspectiva da diferença, tal como proposta por Kramsch (1993) e por nós reelaborada em trabalho anterior:

Entendo a aprendizagem sistemática da diferença como o modo de operacionalizar o contato e a resolução dos conflitos inerentes ao processo de aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse sentido, “aprender a diferença”, significaria criar dispositivos para o processo de aceitação do Outro, não como parte antagônica, mas como alteridade com a qual se negocia a palavra estrangeira. (FIGUEIREDO NETO, 2014, p. 68)

Assim, a aprendizagem sistemática da diferença, para muito além das negociações da aprendizagem linguístico-comunicativa, estabelece uma franca relação com as performances identitárias

viabilizando, pelo viés da linguagem, a desconstrução dos processos de exclusão e reificação da subjetividade *queer*. Dessa forma, a integração das diferentes posicionalidades sexuais na sala de aula de LI perpassa, obrigatoriamente, por uma perspectiva que, lançando mão dos fenômenos da aprendizagem linguística e da interculturalidade, vão permitindo o desenvolvimento de uma consciência crítica e, portanto, sensível à diferença.

Como vimos pontuando, mais do que fecunda, a associação do construto intercultural às identidades sexuais da sala de aula de LI, constituem-se como elementos precípuos para a discussão e integração das subjetividades *queer*. Desse modo, é preciso estabelecer os embates decorrentes da arena discursiva da sala de línguas como espaço para o empoderamento das minorias e a conseqüente inserção da (homo) sexualidade como uma entre as muitas manifestações possíveis da sala de aula, manifestações permeadas pelo entrecruzar de indivíduos e culturalidades.

A dimensão intercultural inscreve-se numa concepção de cultura a partir de um prisma antropológico, isto é, como arena na qual se interpenetram variadas gamas de significações, aí incluindo-se crenças, comportamentos e as relações entretecidas com os paradigmas sociais, elementos dentro dos quais se estabelece, alternadamente, tanto um movimento de aderência e conformidade, quanto de (re)significação, ou seja, de rejeição/(re)elaboração da norma social. É, justamente, nessa perspectiva cambiante entre o aceder ou o denegar dos paradigmas socioculturais que vislumbramos o esteio da interculturalidade e de seu primado: a diferença.

Assim, desconstruindo a perspectiva de polarização entre língua materna e língua estrangeira, a interculturalidade, igualmente, acaba por delinear na sala de aula de língua uma rota de abertura para as antinomias de gênero, haja vista o trabalho com o *mesmo*¹⁷ (a língua materna) e o *Outro* (a língua estrangeira). Dito de outro modo, há no empreendimento intercultural para o ensino de línguas um *já-lá*¹⁸ do respeito à diferença, uma espécie de propensão para a integração de outras formas disjuntivas e constitutivas da identidade de gênero.

Plasmada ao construto intercultural, portanto, situa-se uma

17 A expressão em questão é tomada aqui como correlata à ideia do *self*, daquilo que é próprio e tomado como elemento intrínseco e formador das identidades.

18 Expressão tomada da Análise do Discurso de linha francesa e que admite a língua como repositório imanente dos processos enunciativos, sentidos historicamente construídos a partir das relações de poder.

discussão fundamental para a irrupção dos processos interativos que culminam com a negociação das subjetividades e de seus desejos, isto é, a díade *estranhamento/desnaturalização*. Por esta ótica, ser hetero ou *queer* na sala de aula de LI, parece relacionar-se, por um lado, à perspectiva do assombro/maravilhamento¹⁹ diante do desconhecido, e, por outro lado, ao prisma da desnaturalização, isto é, a propensão à mudança de paradigmas tende a desformatar esse estranhamento, (re) significando-o e transvalorando-o para a condição de conhecimento adicional, mote para a decifração do Outro e da compreensão de si. Em outras palavras, como vetor para uma aprendizagem potencial, seja esta do corpo ou da língua.

Isto posto, é apanágio da interculturalidade assegurar, pelo viés das interações enunciativas, a materialização de uma aprendizagem permeada por uma consciência crítica e emancipatória que se funda, de corpo e alma, pelo viés metalinguístico da aprendizagem de LI. Tal postura permite utilizar as *enunciações insinuativas* da sexualidade do Outro, como um dos recursos para o estabelecimento dos “[...] atos relacionais produzidos por meio de interações”. (NELSON, 2008, p. 224). Em outras palavras, é a partir desse procedimento que se pode garantir e visibilizar, não apenas as subjetividades linguoculturais, mas as sexualidades dissidentes e silenciadas na sala de aula de línguas.

Interculturalizar a sala de aula de LI, nesse sentido, assume uma função precípua para o processo de integração e interação com a dissidência, seja ela linguística ou sexual. Por esta ótica, trabalhar no entrelugar cultural permite a instauração de um olhar que, ao invés de tomar os fenômenos socioculturais na perspectiva de uma essencialização, promove uma visão caleidoscópica, um olhar/olhares promotor da pluralidade e da (des/re)construção de conceitos.

Considerações finais

As análises empreendidas até aqui, tiveram o objetivo de problematizar a questão da identidade sexual na sala de aula de línguas e os modos como os alunos se relacionam com a dissidência de gênero pelo viés da produção enunciativa. Assim, é por intermédio do construto intercultural e da desconstrução dos binarismos associados à sexualidade que se pode empreender, de fato, a valorização das identidades sexuais

19 A perspectiva de assombro/maravilhamento diz respeito às reações diante da língua e da sexualidade do Outro, e, mais do que isso, da sexualidade Outra, isto é, da dissidência.

como posicionalidades de pleno direito. É, portanto, através de um trabalho pautado numa pedagogia crítica e, portanto, interculturalmente sensível, que se pode assegurar a alunos e professores *queer* componentes fundamentais como o empoderamento, a visibilidade e o respeito.

Destarte, o posicionamento de assunção da identidade *gay*, figura como movimento deflagrador de uma agenda política que, em nosso caso, coaduna com a função metalinguística da sala de aula de línguas, isto é, a de sedimentar, pelo viés da linguagem, as práticas que viabilizem a quebra de grilhões e a constituição de um ensino-aprendizagem para a pluralidade e para uma (con)vivência genuinamente intercultural.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 2007.

ECKERT-HOFF, B. M. **Escritura de Si e Identidade: o sujeito-professor em formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

ELLIS, C.; BOCHNER, A.P. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publication, 2000.

FIGUEIREDO NETO, R.B. **Dialogando no terceiro lugar: o uso intercultural da língua inglesa por professores em formação em um curso de Letras**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). 2014. 169f. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: José Luiz Fiorin. (Org.). **Introdução à Linguística I**. Objetos teóricos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011, v. 1, p. 165-186.

FLEURI, R.M. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Revista PerCursos**, n. 1, 2001, p. 109-128, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1993.

NELSON, C. D. A teoria queer em linguística aplicada: enigmas sobre “sair do armário” em salas de aula globalizadas. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 215- 232.

NEPOMUCENO, M. A. Saber queer: a encenação do corpo, gênero e sexualidade. **Revista Ártemis**, vol.10, p.133-145, João Pessoa, Jun. 2009.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L.P. da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 86-107.

Recebido em: 02 de ago. de 2016.

Aceito em: 27 de dez. de 2016.